

SITUAÇÃO DA CITRICULTURA

BALANÇO DA SAFRA DE 1961

Eng.^o Agr.^o J. M. Fonseca de Lima

I — A EXPORTAÇÃO

Em outubro último foram embarcadas as últimas laranjas de São Paulo com destino aos mercados europeus.

Encerra-se uma das mais favoráveis estações de exportação, nesta segunda fase que atravessa a nossa indústria cítrica, após a liquidação dos pomares pela “tristeza” na década dos quarenta.

A quantidade exportada foi apreciável, alcançando um total de 3.256.459 caixas, desmentindo dêsse modo os prognósticos mais ou menos sombrios, alvitrados no primeiro trimestre do ano, quando a impressão dominante era a de que não conseguiríamos alcançar o volume de exportação verificado em 1960. Algumas opiniões mais pessimistas chegavam a dizer que o volume exportado não ultrapassaria 2 ou 2,5 milhões de caixas.

Não só em volume, esta foi uma feliz estação da exportação cítrica. Foi também um ano em que a qualidade de conservação da fruta foi das mais altas. A boa resistência das nossas laranjas a todo o processo de comercialização, que se verificou êste ano, parece estar correlacionada com a escassez de chuva durante a época da colheita. De fato, tivemos êste ano um inverno excepcionalmente sêco.

Não é fácil organizar uma estimativa da taxa de desperdício por apodrecimento à chegada das nossas frutas aos portos europeus. Entretanto, êste ano não tivemos, praticamente, reclamações do outro lado, no que diz respeito à condição da fruta na chegada, havendo opiniões autorizadas que estimam em 1% a quebra média por podres. Na ausência de re-

clamações por este motivo, é verosímil que aquela estimativa corresponda à realidade, constituindo esse fato um indício promissor do nível técnico a que já chegou a nossa indústria cítrica, neste setor.

Com relação às variedades e espécies de frutas cítricas que estamos exportando, entre as laranjas continua predominando a laranja "Pêra" que na última estação alcançou 80%

do volume, seguindo-se a "Hamlin" com mais de 13% e as "Bahia" com pouco mais de 4%. (veja quadro I).

As nossas remessas de pomelos, tangerinas e limões são ainda muito pouco significativas, constituindo-se de laranjas doces, a maior parte do volume exportado, traço esse já característico das nossas exportações cítricas, desde o seu início.

QUADRO I
Exportação Cítrica Paulista
Por Variedades

Variedades	1959		1960		1961	
	Caixas	%	Caixas	%	Caixas	%
Pêra	2 287 745	71,5	2 366 022	73,3	2 566 718	78,8
Hamlin	496 603	15,5	546 052	16,9	442 796	13,6
Bahia	293 653	0,2	161 047	5,0	134 292	4,1
Barão	67 174	2,1	77 849	2,4	36 524	1,1
Pineapple	7 351	0,2	2 950	0,1	1 750	0,1
Pomelos	39 603	1,2	63 410	2,0	54 759	1,7
Tangerinas	5 952	0,2	9 675	0,3	13 600	0,4
Limões	500	—	—	—	6 020	0,2
Totais	3 198 581		3 227 005		3 256 459	

Fonte: Secção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação — PDV —

Com respeito aos destinos da exportação, podemos examiná-los no quadro II onde aparecem as cifras referentes aos anos de 1959 a 1961. Indicam os números, que a Inglaterra continua sendo o nosso maior comprador, seguido de perto pela Holanda, com 35,9 e 27,2% respectivamente. Já distancia-

da aparece a França com .. 13,9% vindo a seguir a Alemanha Ocidental com 11%. Destaca-se na estação de 1961, o aparecimento da União Soviética em quinto lugar com 6,7%, deslocando assim a Bélgica, nossa tradicional compradora de laranjas.

Um fato auspicioso desta-

ca-se do exame dêste quadro, que é o aumento gradativo do número dos nossos compradores, que na estação que acaba de findar, alcança 13 diferentes países, ampliando assim a área de comercialização das nossas frutas.

Não só o destino das nossas exportações e as variedades exportadas sofreram alterações da primeira para a segunda fase da nossa citricultura comercial. Também a procedência

se alterou, ocupando hoje Bebedouro o primeiro lugar em volume exportado, deslocando assim Limeira do primeiro para o segundo pôsto, como centro de exportação cítrica (veja quadro III). Alguns centros de importância na primeira fase, como Sorocaba e Campinas, ainda não conseguiram recuperar a antiga situação, sendo certo que tanto numa como noutra região, a produção cítrica tende a crescer.

QUADRO II
Exportação Cítrica Paulista
Por Destino

Destino	1959		1960		1961	
	Caixas	%	Caixas	%	Caixas	%
Reino Unido	988 045	31,0	910 490	28,2	1 167 647	35,9
Holanda	892 211	28,0	681 335	21,1	885 738	27,2
França	831 247	26,1	819 563	25,4	451 138	13,9
Bélgica	254 750	8,0	170 470	5,3	131 597	4,0
Alem. Ocidental ..	194 481	6,1	419 589	13,0	358 695	11,0
Noruega	10 750	0,3	59 178	1,8	8 960	0,3
Finlândia	9 700	0,3	54 000	1,7	28 400	0,9
Antilhas Holandêsas	3 040	0,2	5 980	0,2	2 120	0,0
U.R.S.S.	—	—	58 500	1,8	217,780	6,7
Suécia	—	—	47 900	1,5	414	0,0
Africa Ocidental ..	—	—	—	—	2 000	0,0
Argentina	—	—	—	—	1 120	0,0
Uruguai	—	—	—	—	850	0,0

Fonte: Secção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação — PDV —

QUADRO III
Exportação Cítrica Paulista — 1961 —
Por Procedência

Mês	Bebedouro	Limeira	Araras	Pilangueiras	Araraquara	Pôrto Ferreira	Totais	%
Caixas								
Janeiro	—	—	—	1 000	120	—	1 120	
Fevereiro	—	400	—	—	—	—	400	
Março	17 000	—	—	450	—	—	17 450	0,5
Abril	101 155	111 866	52 400	10 000	16 000	7 789	299 210	9,2
Maio	259 792	233 526	49 730	44 000	48 870	17 360	79 278	22,1
Junho	285 645	272 631	98 375	106 100	87 280	13 775	863 806	26,5
Julho	213 815	216 190	79 150	83 263	60 650	2 500	655 568	20,1
Agosto	135 711	137 850	56 600	18 200	3 920	—	352 281	10,8
Setembro	81 615	88 945	64 100	35 000	1 080	—	270 740	8,3
Outubro	9 670	36 630	23 450	6 856	—	—	76 606	2,4
Totais	1 140 403	1 098 038	453 805	304 869	217 920	41 424	3 256 459	
Porcentagens	35,01	33,72	13,94	9,36	6,69	1,28		

Fonte: Secção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação — PDV —

Os preços de atacado nos mercados recebedores durante os meses de abril a setembro, mantiveram-se em níveis satisfatórios, sendo de acreditar-se que mesmo aqueles lotes de mais alto custo puderam ser liquidados vantajosamente. No período referido, a fruta brasileira alcançou no mercado inglês os seguintes preços médios, em shillings (e frações decimais) por caixa padrão:

Maio	43,39
Junho	46,20
Julho	43,54
Agosto	35,70
Setembro ...	41,06

No mês de maio, os preços do leilão oscilaram entre shs. 43 e 51; no mês de junho entre 41 e 53, no mês de julho entre 41 e 46; no mês de agosto, entre 29 e 40 e finalmente no mês de setembro, entre 26 e 53.

Talvez tenha contribuído para essa firmeza de preços durante toda a estação, as menores remessas da União Sul-africana que mandou perto de 1.600.000 caixas de frutas cítricas a menos que na estação anterior, conforme os dados do quadro IV.

QUADRO IV
Exportação Cítrica Sul-africana — 1961
Até 30 - 11 - 1961

Espécie	Unidade	1960	1961
Laranajs	Caixas	8 632 532	6 809 605
Pomelos	Caixas	523 464	529 895
Limões	½ caixas	363 494	391 577
Tangerinas	½ caixas	17 046	11 879
Totais	Equivalentes a caixas	9 346 266	7 541 228

Fonte: "Citrus Board" Sul-africano.

II — O MERCADO INTERNO

Durante os meses de fevereiro a novembro, foram encaminhadas ao mercado de São Paulo, conforme levantamento realizado pela Secção de Frutas da Divisão de Fiscalização e Classificação deste Departamento,

4.175.935 caixas de colheita, tipo "mercado", sendo de esperar que nos doze meses do ano, êsse total alcance perto de 4,6 milhões de caixas do mesmo tipo.

Essa estatística indica um

desaparecimento de perto de 1,2 caixas “per capita” e por ano para o aglomerado urbano desta Capital, tomando-se por base a última estimativa de população publicada pelo Departamento Estadual de Estatística no seu Boletim n.º 2 de 1959. (1)

Admitindo-se que o restante da população urbana do Estado apresente um consumo da mesma ordem daquele encontrado para o aglomerado da Capital, aqueles 4,6 milhões de cidadãos garantiriam um desaparecimento de mais 5,6 milhões de caixas tipo “mercado”, que somadas ao volume entrado na Capital nos doze meses do ano, perfazem 10,2 milhões de caixas de “mercado”.

A êste volume adicionam-se 3.256.459 caixas padrão exportadas durante a estação de 1961, o que elevaria para 13,5 milhões de caixas o total já estimado.

Para uma avaliação grosseira como a que estamos tentando, podemos considerar equivalentes as duas unidades

mencionadas, a caixa padrão de exportação e a caixa de “mercado”.

A colheita prevista pela Secção de Previsão de Safras desta Divisão, foi estimada em 23.426.221 caixas de “colheita”, que para efeito de uma primeira aproximação também poderão ser consideradas equivalentes às duas outras unidades.

Esta estimativa obtida pelo método subjetivo, inclui presumivelmente a totalidade da produção cítrica no território do Estado, excluída a região da Alta Sorocabana, constituída dos 15 municípios da área interdita pelas autoridades fitossanitárias, devido ao cancro cítrico.

Acreditamos ser razoável admitir-se que do total estimado como produção bruta, 26% aproximadamente, perde-se nos pomares devido a causas diversas, incidindo essas perdas com intensidade variável, segundo o destino que habitualmente se dê à produção. Assim, pensamos que nas

1) A população do Estado de São Paulo em 1961 em zonas urbanas e rurais pode ser calculada na base da estimativa do Departamento Estadual de Estatística para todo o Estado nesse ano, separando-se os grupos pelas informações obtidas no censo de 1960.

	Censo de 1960		1961
	(Preliminar)		
I — Capital + ABC	3 687 462		3 851 842
II — Outras cidades	4 438 370		4 660 288
III — Total cidades	8 125 832	(63%)	8 512 130
IV — Zona rural	4 748 256	(37%)	4 985 662
V — Total Geral	12 874 088		13 497 792

plantações comerciais da melhor categoria, cuja fruta é destinada à exportação, tais perdas são negligenciáveis; nas plantações cuja produção habitualmente se destina ao mercado interno, admitimos

uma perda de 20% sobre a colheita estimada e finalmente nos pomares destinados ao consumo local admitimos uma perda de 50% da produção estimada. Assim teríamos:

Pomares	Produção Bruta Mil caixas	Prod. Líquida Mil caixas
Comerciais, para exportação	7.000	7.000
Comerciais- para consumo interno	7.000	5.600
Para consumo local e rural ..	9.426	4.713
	23.426	17.313
Quebra 26.1%		6.113

Isto admitido, reduz-se o total aproveitável a 17 313 mil caixas de colheita que se decomporiam como segue: 13 985 mil caixas para consumo da

população urbana e rural; .. 3 256 mil caixas para alimentar a nossa exportação e finalmente o saldo para o comércio interestadual (veja quadro V).

QUADRO V

Estimativa do Consumo de Laranjas em São Paulo, 1961

	Em mil caixas de 34 quilos liq.	Toneladas
Consumo Interno do Estado de São Paulo		
População Urbana (1)	10 215	347 291
População Rural (2)	3 770	128 182
Sub total (a)	13 985	475 473
Exportações		
Outros Estados	72	2 453
Exterior	3 256	110 720
Sub total (b)	3 328	113 173
Total parcial (a+b)	17 313	588 646
Perdas nos pomares (3)....	6 113	207 846
Total Geral (4)	23 426	796 492

(1) 1,2 caixas per capita.

(2) 0,76 caixas per capita.

(3) Veja quadro à página 63.

(4) Estimativa de produção da Dv.E.R.

O índice de consumo admitido para as populações urbanas do Estado não nos parece exagerado, tendo em vista a relativa abundância com que hoje se oferece a laranja nos mercados das nossas cidades. A êle chegamos partindo de um dado conhecido, como seja a estatística das entradas de frutas na Capital durante o período de fevereiro a novembro de 1961, levantado pela Divisão de Fiscalização dêste Departamento. Quanto ao consumo da população rural, a êle chegamos por diferença, depois de consideradas as fracções ex-

portadas e remetidas para outros Estados, sendo êste último dado também obtido por diferença.

Concluindo, devemos advertir que os dados apresentados sôbre o consumo de laranjas entre nós, devem ser considerados como uma primeira aproximação, muito grosseira, de uma questão que será melhor compreendida quando algumas pesquisas de consumo domiciliar tanto na zona urbana como na rural, puderem indicar mais precisamente os níveis dessas duas variáveis do nosso problema.